

ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PSICOPEDAGOGIA E DA NEUROCIÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS MÉTODOS

LITERACY IN THE PERSPECTIVE OF PSYCHOPEDAGOGY AND NEUROSCIENCE: AN ANALYSIS OF METHODS

Silvania Silva de Aguiar¹

Rosangela Pereira Cabral²

Resumo: A alfabetização e a psicopedagogia trilham em harmonia mostrando grande preocupação com as questões que dificultam o alfabetizar, pois seus olhares recaem nas questões do não aprender. As queixas por parte dos professores, quanto às crianças que não se alfabetizaram no tempo previsto circulam em todos os espaços sociais. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo investigar como acontece a alfabetização na perspectiva da psicopedagogia e da neurociência por meio de uma análise sobre os métodos. A fundamentação teórica da pesquisa foi baseada em autores que discutem sobre o tema nas áreas da Psicopedagogia, Alfabetização, Psicologia, e Neurociência. Para investigar sobre a alfabetização nessa perspectiva a partir da análise dos métodos, foi realizada uma pesquisa qualitativa em forma de questionário. Os questionários foram aplicados com nove professores da rede pública, onde nas classes há alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem e assim, procuraram atendimento psicopedagógico no município de Criciúma e Içara/SC. O acompanhamento com profissionais contribuíram para que seus alunos apresentassem melhor desempenho escolar. Já as crianças em que os pais não procuraram atendimento psicopedagógico, pelo fato de os Municípios não oferecer este trabalho gratuito e não terem condições de pagar pelo mesmo, continuaram em situações de dificuldades, gerando atraso na aprendizagem. Assim, constatou-se a importância do olhar atento do professor aos seus alunos e a necessidade de seu conhecimento e entendimento quanto à função do psicopedagogo, bem como a realização do encaminhamento devido e a importância da psicopedagogia na superação das dificuldades de aprendizagem.

¹ Autora do presente artigo. Graduanda do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC - Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário CEP: 88806-000 – Criciúma – SC – Fone 48 34312500

² Coautora do presente artigo. Docente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Feevalle/RS

Palavras Chaves: Alfabetização. Psicopedagogia. Neurociência. Método. Dificuldade.

Abstract: Literacy and psychopedagogy walk in harmony showing great concern with the issues that make literacy difficult, since their eyes fall on the issues of not learning. The teachers' complaints about children who did not literate on time are circulating in all social spaces. Thus, this article aims to investigate how literacy happens from the perspective of psychopedagogy and neuroscience through an analysis of the methods. The theoretical basis of the research was based on authors who discuss about the theme in the areas of Psychopedagogy, Literacy, Psychology, and Neuroscience. To investigate literacy in this perspective from the analysis of the methods, a qualitative research was conducted in the form of a questionnaire. The questionnaires were applied to nine public school teachers, where in the classes there are students who have some kind of learning disability and thus sought psychopedagogical care in the city of Criciúma and Içara / SC. The follow-up with professionals contributed for their students to present better school performance. The children whose parents did not seek psychopedagogical care, due to the fact that the City did not offer this free work and were unable to pay for it, continued in difficult situations, causing learning delay. Thus, it was found the importance of the teacher's attentive eye to his students and the need for their knowledge and understanding of the role of psychopedagogues, as well as the proper referral and the importance of psychopedagogy in overcoming learning difficulties.

Keywords: Literacy. Psychopedagogy. Neuroscience. Method. Difficulty.

INTRODUÇÃO

Estudos atuais trazem um cenário assustador de crianças no período de alfabetização que apresentam dificuldade no aprender, as queixas espalham-se por todos os espaços sociais. Para tanto, professores buscam em outras áreas do conhecimento como a psicopedagogia e a neurociência amparo para o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças.

Pain (1985) considera o problema de aprendizagem como sendo um sintoma, sendo que o não-aprender, não necessariamente será uma quadro permanente. A autora traz como fatores fundamentais que devem ser considerados no diagnóstico de um problema de aprendizagem: fatores orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais.

Neste sentido o presente artigo pretende mostrar a alfabetização na perspectiva da psicopedagogia e neurociência, considerando sua importância no processo e seus métodos com a seguinte problemática de investigação: investigar a alfabetização numa perspectiva da psicopedagogia e da neurociência com uma análise sob seus métodos. Portanto optou-se por uma pesquisa qualitativa com os professores a fim de compreender as questões relacionadas à alfabetização que interferem no processo de desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

A pesquisa tem como objetivos específicos: Identificar os principais métodos de alfabetização; Reconhecer a trajetória da Psicopedagogia; Relacionar as contribuições teóricas da alfabetização; Reconhecer na neurociência a capacidade de leitura no sujeito, observando a melhor forma de aprender a ler e interpretar; Reconhecer a psicogênese da língua escrita e as hipóteses que a criança formula até chegar à escrita convencional; Reconhecer o processo da alfabetização numa perspectiva da psicopedagogia e da neurociência por meio dos métodos.

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de fontes orais e bibliográficas. Foram entrevistadas cinco professoras alfabetizadoras que atuam em escolas no município de Criciúma e Içara/SC.

Todas as informações foram cruzadas com os conceitos de Psicopedagogia, Alfabetização, Psicanálise, Psicologia, Neurociências baseado nos principais autores, Fernández, Paín, Piaget, Ferreiro, Soares, entre outros.

O artigo foi organizado com os seguintes títulos: Conhecendo os Métodos de Alfabetização; A Psicogênese da Língua Escrita x Método de Alfabetização; A Psicopedagogia no Brasil e no Mundo; Neurociências: A Capacidade de Leitura do Sujeito; Alfabetização numa perspectiva da psicopedagogia e da neurociência: Análise do Percurso e Métodos.

CONHECENDO OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Ao mergulhar em vastas bibliografias atuais e mais antigas, percebemos que a os métodos de alfabetização permanecem em constante discussão. Embora “revoluções” aconteceram com os estudos e aplicações de um novo olhar de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, quanto às fases de leitura e escrita, pouco se avançou na qualidade de alfabetização no Brasil e assim, a dificuldade em produções e interpretações de textos se estendem muitas vezes até ao ensino superior.

A questão do fracasso escolar, hoje não está atribuída apenas à questão dos métodos. Segundo Carvalho (2005), as condições inadequadas de ensino como, por exemplo, salas

numerosas, despreparo de professores, materiais didáticos inadequados com a realidade, falta de biblioteca, salas de leitura e métodos, inadequados ou mal aplicados. Mas ainda não só o ambiente escolar é o responsável pelo fracasso, mas também, condições de pouco ou nenhum acesso a livros, jornais, pais analfabetos, ou ainda que cooperem pouco ou nada nas relações de família e escola. Há exceções como, por exemplo, crianças com situações precárias em suas casas, mas que se esforçam e buscam estudar visando um futuro melhor. Porém, nem todos recebem ou possuem este estímulo.

Carvalho (2005) fala sobre a mudança dos tempos e dos leitores, bem como a importância de estar alfabetizado em épocas diferentes. Até o final da Segunda Guerra Mundial, mais da metade da população brasileira, era analfabeta, vivendo a maioria em zonas rurais. A partir da década de 50, aumentaram-se os números de indústrias e urbanização, bem como também, o número de crianças na escola, quando o governo federal criou várias campanhas de alfabetização, principalmente com jovens e adultos, a fim de decifram palavras e pequenas frases.

Na década de 80, o construtivismo ocupou lugar de destaque em formações iniciais e continuadas, pensando-se que a “fórmula mágica” resolveria a situação do fracasso escolar. O foco era baseado principalmente na análise da Psicologia Genética de Piaget. Embora Piaget não tenha escrito algo voltado especificamente para a alfabetização e os processos de leitura/escrita, estudavam os processos de aquisição do conhecimento, onde se destacou Emilia Ferreiro. Com esse novo olhar, nova perspectiva, a criança de aprendiz dependendo de estímulos externos para produzir respostas, passa a ser sujeito ativo, capaz de construir o conhecimento, interagindo com o conhecimento da língua escrita, segundo Soares (2015).

Porém é necessário que se continue fazendo novas reflexões, bem como também utilizar os conhecimentos da Neurociência para este processo, a fim de procurar soluções preventivas e avançar na qualidade do ensino, já que pouco o Brasil tem avançado no processo de alfabetização.

Mas, em primeiro lugar, vejamos qual o conceito de alfabetização:

Toma-se, por isso, aqui, alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. (SOARES, 2015, p.15)

Soares (2015) também chama atenção quanto às diferenças do processo de leitura/escrita, onde a escrita não é apenas uma representação da língua oral, mas há também questões específicas de morfologia, sintática e semântica, e que nem sempre falamos como escrevemos ou escrevemos como falamos.

A alfabetização é um processo onde fonemas são representados em grafemas e vice-versa além de compreensão e expressão de significados por meio de códigos escritos, afirma Soares (2018). A diferença é que no processo de leitura, se parte dos grafemas para os fonemas, onde a criança precisa identificar os fonemas que eles representam para chegar à palavra. Já na escrita, o processo ocorre de forma contrária, onde se parte dos fonemas para os grafemas. Assim, o processo de escrita é mais fácil que o de leitura, onde as crianças são capazes de escrever antes mesmo de se apropriar da leitura.

A alfabetização, porém não depende apenas do fato da criança codificar, decodificar ou não. É um processo complexo onde está relacionado às perspectivas psicológicas, psicolinguística, sociolinguística e linguística, além de questões fisiológicas e neurológicas. Dessa forma cabe ao professor alfabetizador, pesquisar constantemente e compreender todas essas questões, chamadas de “facetas”, por Soares (2015), na aprendizagem de seu aluno.

Particularmente no campo do ensino das línguas (materna ou estrangeira, oral ou escrita), um método é a soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados. Um método de alfabetização será, pois, o resultado da determinação dos objetivos a atingir. (SOARES, 2015, p.93)

Assim, para falar de métodos, iniciamos pelos métodos sintéticos, os quais se baseiam na concepção de que o ensino da leitura e da escrita deve iniciar pelos elementos que compõe a palavra: sons, letras e sílabas. Segundo Soares (1977) à medida que vai se aprendendo, passam a combiná-los em unidades linguísticas maiores, levando a criança a soletrar sílabas, palavras e unidades maiores. Este método, segundo Carvalho (2005), caracterizou um tempo em que havia pouca exigência social em termos de leitura, já que boa parte da população era analfabeta e assim, preocupavam-se mais em decodificar palavras soltas.

Método alfabético/ soletração, segundo Soares (1977), deu origem ao termo “alfabetizar”. Foi universalmente aceito e aplicado desde os tempos da Grécia e Roma antigas, ao fim da idade média. Neste método, a criança aprendia o nome das letras e suas formas – maiúsculas e minúsculas, em sua sequência, através de repetições e assim, soletravam de forma “decorada”: “be” com “a”, fica ba, “tê” com “o”, fica to, e assim por diante. Porém também se aplicava gradativamente, o que hoje chamamos de sílabas complexas, como por exemplo, quando o professor ensinava “na”, em seguida também ensinava “an”. Depois de memorizar as sílabas, então formavam as palavras, sendo este, com ênfase nas repetições de forma que os professores se preocupavam mais com o reconhecimento dos sons do que com o significado da palavra por completo.

O método fônico passou a ser adotado, substituindo o método alfabético, conforme Soares (1977), na tentativa de superar a grande dificuldade existente por causa da diferença entre o nome da letra e seu som. Neste método, os sons das letras são ensinados isoladamente e só depois reunidos em sílabas. Esta prática se inicia pelas vogais e depois consoantes, fazendo repetições até que se estabeleça a associação. Só depois são combinados as vogais e consoantes, formando as sílabas e em seguida, as palavras. Conforme Carvalho (2005), a ênfase é ensinar a decodificar os sons da língua, na leitura e a codificá-las na escrita.

Os métodos fônicos ainda estão associados à consciência fonológica, segundo Carvalho, já que ressaltam a dimensão sonora da língua, e a capacidade de decompor sons que formam palavras, representados na escrita pelas letras. Algumas habilidades para reconhecer o grau de consciência fonológica da criança, são as de identificar o número de sílabas de uma palavra, reconhecer aliterações e rimas.

Inseridos neste método, foram criadas duas propostas de dois métodos fônicos bastante conhecidos em algumas regiões: A abelhinha e A casinha feliz.

Alzira S. Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso, segundo Carvalho (2005) criaram o método da Abelhinha, experimentado no Rio de Janeiro em 1965. O método obteve resultados satisfatórios, variando de 80 a 95% de alunos aprovados nas escolas, inclusive nas de classes menos favorecidas. Conforme a mesma autora, o método apresenta uma série de histórias onde os personagens emitem barulhos, os quais são atribuídos aos sons. No processo de leitura, a criança vai reunindo os sons aprendidos e assim, vai avançando na leitura de palavras, expressões, sentenças, etc. Porém as autoras recomendam não dizer os nomes das letras (para não ser comparada à soletração) e não unir fonemas com todas as vogais para não se comparar a silabação.

Já o método “A casinha feliz”, mencionado até em cursos, como processo lúdico e utilizado em clínicas de Psicopedagogia, há quem considere facilitador no processo de alfabetização até mesmo com crianças que apresentam dificuldades de leitura e escrita ou dislexia, atualmente. Conforme Carvalho (2005) o método foi criado pela pedagoga Iracema Meireles na década de 50, aplicado tanto nas escolas de rede pública como particulares.

Este método de Iracema Meireles é fonético contextualizado. Segundo Meireles (2017), a diferença é que a criança não precisa passar o esforço de decorar os nomes e os sons das letras. As letras são associadas a figuras do cotidiano da criança, chamada por ela de figura-fonema, como por exemplo, as as voando sugerindo a forma de vibrar do V, o K pode formar um menino andando, e assim por diante. Assim, através de imagens e histórias criadas, as crianças vão se apropriando da escrita e leitura. Como é um processo muito baseado no

lúdico, os materiais utilizados para o trabalho do professor são: casinha para o teatro, caixa de fantoches, CD de músicas para os personagens, figuras dos moradores e figuras fonemas.

Método silabação, conforme Soares (1977), por ser a sílaba o ponto de partida do ensino da leitura, se faz diferente dos métodos alfabético e fônico. Neste método, a consoante só pode ser emitida apoiada em alguma vogal, e assim, o que importa no processo são as sílabas e não as letras soltas. Primeiro são apresentadas as vogais e depois combinadas entre si. Depois as consoantes são apresentadas em sua ordem alfabética, e em seguida iniciam-se os agrupamentos. As imagens utilizadas são atribuídas às sílabas, neste método, como por exemplo: bo de boneca, lo de lobo, e assim por diante.

Métodos analíticos ou globais, estes métodos baseiam-se no conceito de que as unidades significativas da língua – palavras e sentenças é que devem ser o ponto de partida do ensino da leitura e escrita. Segundo Soares (1977), são também conhecidos como métodos Globais e como se processam do todo para as partes menores, são chamados de Analíticos.

Na década de 1920 com a chegada da Escola Nova no Brasil, segundo Carvalho (2005), importantes educadores e precursores como Anísio Teixeira, Carneiro Leão, entre outros, realizaram reformas na educação em vários estados, partindo de uma visão diferenciada da criança, conhecendo e respeitando seus interesses a partir de sua realidade. Essa nova fundamentação e forma de pensar com base na psicologia gestáltica (ou psicologia da forma) crê que a criança primeiramente percebe o todo, antes de captar os detalhes.

Este método teve como introdutor, Comenius, que em 1657 já o defendia contra as tediosas soletrações, afirma Soares (1977). Segundo a autora, neste método as palavras são apresentadas em frases, textos, onde cada palavra pode ser memorizada pelo seu perfil. É uma adaptação no qual as palavras memorizadas apresentam os sons da língua e onde os processos de análise-síntese são empregados. A Escola Nova, valorizando a leitura e o interesse pelos livros, defendem os métodos globais, não enfatizando a decodificação, mas sim, a compreensão do significado desde a etapa inicial da alfabetização, partindo das unidades mais amplas como histórias (textos) ou frases, para chegar nas menores (letra/som).

Neste método, segundo Carvalho (2005) as cartilhas são recusadas por não fazer sentido de fato com a realidade do cotidiano das crianças, e assim, usam como bases iniciais, pequenas histórias, até mesmo adaptadas pelos professores.

Essas reformas educacionais, conforme Carvalho (2005) exigiram mudanças radicais da parte dos professores, os quais ainda continuam sendo desafios nos dias de hoje, aos professores que trabalham em escolas que exigem a aplicação do método, porém sem as vezes que os profissionais saibam aplicar com bom êxito.

O método assim como os demais, também apresenta suas desvantagens como: as falhas ao desenvolver ao desenvolver habilidades de reconhecer novas palavras para a autonomia do leitor e a lentidão que ocorre no processo, enquanto é necessário fazer relações o tempo todo. O mesmo gerou e ainda gera polêmica quanto à forma de introduzir a criança no mundo letrado, gerando dificuldades para os professores também na preparação dos materiais e assim, dificuldades na ensinagem, segundo Carvalho (2005),.

Dentro dos métodos globais, também surge o método ideovisual criado por Decroly, segundo Carvalho (2005), onde o aluno reconhece a forma, a imagem gráfica da frase, posteriormente aprendendo a distinguir palavras por meio de observação de diferenças e semelhanças entre elas, seguido pelas sílabas e finalizando em letras. Também ainda outras formas de utilizar o método global, como por exemplo, Heloisa Marinho, que conciliou as vantagens dos métodos globais com as dos métodos fônicos, habilitando o aluno a decodificar (ler) e codificar (escrever) e Paulo Freire que propôs uma metodologia principalmente aos adultos analfabetos, tendo a importante diferença que as palavras geradoras, apresentadas, são pesquisadas no universo vocabular dos mesmos, relacionando-as a temas geradores de discussão sobre aspectos políticos e sociais do Brasil.

O método de Sentenciação enfatiza a formação de habilidades de leitura com compreensão, onde o professor, segundo Soares (1977) apresenta pequenos grupos de palavras e leva o aluno a estabelecer o reconhecimento de cada um, através da repetição, alcançando o reconhecimento de palavras similares através do reconhecimento das sílabas.

Os procedimentos deste método se dão a partir da seguinte forma: é conversado com a turma sobre um assunto de interesse das crianças, depois o professor como escriba, registra as informações obtidas pelos alunos, sobre o assunto. Em seguida, o professor lê para a turma, o que escreveu, marcando bem as pausas, a fim de tornar clara a expressão da ideia. Depois os alunos devem procurar palavras semelhantes dentro das sentenças, até começarem a formar grupos de palavras, comparando com novas sentenças.

A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA X MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO

Já no início da introdução do livro “Psicogênese da Língua Escrita”, Ferreiro e Teberosky(1999) esclarecem que não pretendem propor um novo método de aprendizagem nem uma classificação de transtornos de aprendizagem, mas apresentar uma diferente interpretação do processo observando o sujeito que aprende.

Na perspectiva piagetiana, na qual as autoras da Psicogênese se baseiam, o sujeito é aquele que procura ativamente compreender o mundo, elaborando respostas às suas dúvidas, inclusive através de seus erros. Constrói suas formas de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo.

Nas duas disciplinas nas quais o destino escolar da criança de primeiro ano vai ser decidido (cálculo elementar e lectoescrita) muitos são os docentes que se veem obrigados a uma prática pedagógica dissociadora: são piagetianas (ou tentam sê-lo) na hora da Matemática; são associacionistas (às vezes, sem o querer) na hora da leitura. Esta dissociação é insustentável na prática, não somente por razões de coerência pedagógica, senão porque estão sendo sustentadas, simultaneamente, duas diferentes concepções da própria criança, concebida como criadora ativa e inteligente na hora da Matemática e como passiva, receptora e ignorante na seguinte. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.31)

Sendo assim, nesta concepção, o sujeito ativo é aquele que compara, observa e entre outras atitudes, elabora hipóteses. Pensando dessa forma, os princípios básicos que guiaram o projeto experimental da Psicogênese foram: não identificar leitura como decifrado; não identificar escrita com cópia de um modelo; não identificar progressos na conceitualização com avanços no decifrado ou na exatidão da cópia.

Neste processo, é interessante que a criança observe o professor escrevendo o texto, para que observe assim, a produção/construção de um texto escrito, observando algumas convenções como por exemplo, que a escrita se inicia da esquerda para a direita, havendo espaços, quando separamos uma palavra de outra.

Conforme a teoria de Ferreiro e Teberosky, a criança imita o adulto, não como cópia passiva, mas construindo assim suas próprias hipóteses de resoluções de situações, e uma delas é a escrita.

A capacidade de a criança distinguir a linguagem escrita de linguagem oral é de suma importância para o início da lectoescrita.

A psicolinguística estudou os processos de uso e de conhecimento da linguagem (fazendo essa distinção entre o uso do conhecimento); porém dentro do campo do conhecimento do estilo “língua escrita”. Este problema é um campo aberto para novos estudos. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.189)

Durante o longo tempo de pesquisa das autoras da psicogênese, perceberam quatro principais níveis de hipóteses de escrita, que são classificados como: nível 1 – pré-silábico, nível 2 – silábico, nível 3 – silábico alfabético e nível 4, quando a criança atinge o alfabético.

Nossa hipótese consiste, então, em supor que é necessária uma série de processos de reflexão sobre a linguagem para passar a uma escrita; mas, por sua vez, a escrita constituída permite novos processos de reflexão que dificilmente teriam podido existir sem ela (não se conhecem exemplos de uma reflexão gramatical em povos carentes de escrita, por exemplo). (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.295)

Vejamos agora, as principais características de cada nível de hipótese de escrita, segundo as autoras:

No primeiro nível, a criança pode apenas fazer um desenho sobre a palavra, ou iniciar garatuñas, determinando a quantidade delas, de acordo com o tamanho da pessoa e não ao que é falado. Cada letra também pode valer pelo todo, e assim vão iniciando suas primeiras hipóteses, não havendo controle de quantidades de letra, como por exemplo: EMDHGASIEJANDMELISJENFGEUYSN (armário).

Ao avançar para o nível 2, chamado também de silábico, a criança inicia sua percepção quanto a correspondência entre as letras daquilo que é falado. Interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma, cada sílaba pode representar uma letra, como por exemplo: HCVEO (armário), ZO (mesa). Depois passa a utilizar vogal, consoante ou combina as duas que são pertinentes a cada sílaba da palavra. Por exemplo: AAIO ou RMR ou AMRO (armário), AEIA ou CDR ou CDR (cadeira), EA ou MS ou ES (mesa).

No nível 3 ou silábico alfabético, as crianças passam a compreender que as sílabas possuem mais que uma letra, procurando escrever de forma em que as letras correspondem aos sons, às formas silábica e alfabética como também, pode escolher as letras, de forma ortográfica ou fonética. Neste período também pode ocorrer acréscimos ou omissões de algumas letras no interior das sílabas. Por exemplo: ARMIO (armário), CADRA (cadeira), MEA (mesa).

Procurando ajustar à escrita o mais próximo da forma convencional, continuam suas hipóteses e a criança atinge o nível 4, sendo o alfabético, onde ela passa a escrever pautando-se na oralidade. Já compreende a função social da escrita e já pensa que quando escrevemos, é para que alguém possa ler. No início ainda ocorrem algumas omissões de letras em sílabas, trocas de letras semelhantes e assim vão surgindo novas questões como as situações de ordem ortográfica.

A PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL E NO MUNDO

Por volta do século XIX com o desenvolvimento das ciências médicas, biológicas e a psiquiatria, surgem os primeiros estudos sobre pacientes “anormais”, que posteriormente a

escola os classifica como “anormais escolares”, atribuindo seus fracassos a questões orgânicas. Com o aprofundamento dos estudos psicanalíticos na área médica, modificou-se as concepções e correntes esses pacientes passam a ser entendidos como portadores de dificuldade de aprendizagem. Inicia-se aí a Psicopedagogia, uma área de conhecimento que tem o seu objeto de estudo totalmente voltado à aprendizagem e a não aprendizagem.

Porém com o passar dos anos, através de estudos e experiências em casos clínicos, percebeu-se que:

A Psicopedagogia não é sinônimo de Psicologia Escolar ou Psicologia Educacional. É uma área de estudos recente, resultante da articulação de conhecimentos dessa e de outras disciplinas, apontando como novos caminhos para a solução de problemas antigos. Na Psicopedagogia, enquanto área de aplicação, atua o profissional que ocupa-se dos problemas de aprendizagem, os quais de início foram estudados pela Medicina e pela Pedagogia e hoje são tratados por um corpo teórico que vem se estruturando a partir das contribuições de outros campos. (BOSSA , 2011, p.22)

Segundo Paín (1985), a aprendizagem ocorre em condições internas e externas, sendo a primeira referente à definição do sujeito e a segunda, definindo o campo de estímulo. Às condições externas, fazem referência a três planos inter-relacionados: corpo, condição cognitiva e dinâmica do comportamento.

Como se preocupa com o problema de aprendizagem, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem. Portanto vemos que a Psicopedagogia estuda características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem alterações na aprendizagem, como reconhece-las, tratá-las e preveni-las. (BOSSA , 2011, p.33)

Conforme Bossa (2011) nos traz um histórico da Psicopedagogia no mundo e no Brasil, percebeu-se que houve tempo em que a Psicopedagogia era entendida como uma reeducação, onde a avaliação da aprendizagem acontecia visando os déficits e assim, este profissional visava a superação destes. Posteriormente, surgiu a noção de não-aprendizagem, fundamentada principalmente na Psicanálise e na Psicologia Genética, observando que essas dificuldades de aprendizagem poderiam estar relacionadas às mais diversas questões, inclusive de situações contidas no inconsciente do sujeito.

De acordo com a prática no cotidiano e estudos que se fazem necessários constantemente, Bossa traz a seguinte atribuição à Psicopedagogia nos dias de hoje:

Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições

afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio. (BOSSA , 2011, p.34)

De acordo com o novo viés que direcionou a Psicopedagogia, observando o sujeito como um todo, na investigação do porquê ele não aprende, Bossa (2011) fala que assim, faz-se necessário recorrer a outras áreas que fundamentem a prática psicopedagógica, como a Psicologia do desenvolvimento e social, Teorias de aprendizagem e da educação, Teoria psicanalítica, Sociologia, as Neurociências, a Didática e a Epistemologia.

No Brasil, a Psicopedagogia surgiu fortemente influenciada pelas ideias de argentinos conceituados como Sara Paín, Jorge Visca e Alicia Fernandez. Porém, diferente do que muitos pensam, a Psicopedagogia não nasceu aqui, nem na Argentina, mas sim na Europa, no século XIX, quando no século XVII os educadores preocupavam-se em compreender melhor a criança para transformá-la em um homem racional e cristão.

Pesquisando a linha de pensamento dos autores argentinos, percebeu-se então que suas literaturas estão marcadas pela literatura francesa, onde são citados autores como George Mauco, Jacques Lacan, Pierre Vayer, Janine Mery, Pichon-Rivière, entre outros.

Segundo Bossa(2011) George Mauco foi o fundador do primeiro centro médico-psicopedagógico na França, onde ocorreram as primeiras articulações entre Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, a fim de contribuir nas situações de problemas de aprendizagem e comportamento, onde as primeiras consultas médico-pedagógicas (assim chamadas na época) conforme a autora, aconteceram nos anos entre 1904 e 1908, com o objetivo de encaminhar as crianças para classes especiais. Posteriormente, entre outros estudiosos que foram desenvolvendo estudos nesta área, surge Maria Montessori, que desenvolveu métodos de estimulação dos órgãos dos sentidos a fim de auxiliar as crianças com deficiências mentais.

A Psicopedagogia chega ao Brasil na década de 1970, segundo Bastos (2015), ainda baseado no desenvolvimento neurológico. Com o tempo, foi se percebendo que nem sempre o problema do “não-aprender”, estava relacionado a condições neurológicas e assim, foi-se fazendo pesquisas das diferentes maneiras do sujeito aprender, e outros motivos, como por exemplo, relacionados ao psicológico e emocional da criança.

Na Psicopedagogia, surgiram então duas áreas um pouco distintas de atuação – a Clínica e a Institucional, embora interligadas, Bossa traz conceitos a respeito das mesmas, as quais, uma atende em espaço clínico de forma individualizada e a outra, em instituições, fazendo levantamentos de dados e ressignificando o ambiente de estudos (escolar).

A Psicopedagogia Clínica procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, afim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno. (BOSSA, 2011, p.104)

“...resgata, positivamente, o ato de aprender. Cabe, ainda, ao psicopedagogo (institucional) assessorar a escola, alertando-a para o papel que lhe compete, seja reestruturando a atuação da própria instituição junto a alunos e professores, seja ainda redimensionando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento dentro do espaço escolar, seja encaminhando alunos para outros profissionais. (BOSSA, 2011, p.105)

Ainda assim, com base nestes conceitos de Bossa, vale ressaltar que o atendimento clínico, não deixa também de ser preventivo, já que “combatendo” algumas dificuldades de aprendizagem, previne que apareçam outras.

Embora já mencionado, os problemas de dificuldades de aprendizagem podem ser gerados por várias causas, porém a escola deve estar sempre levando em consideração, as modalidades de aprendizagem de seus alunos, criando uma atmosfera de boa aprendizagem, já que muitos destes problemas decorrem da atuação do professor que às vezes possui modelos arcaicos e atitudes adversas, bloqueando assim, a criança. Cabe também ao professor, observar onde seu aluno estagnou e retomar, partindo do ponto onde ele precisa avançar.

Se o aluno “está no mundo da lua”, o problema do professor será como trazer a “lua” ao mundo da criança, já que se expulsar a “lua” da aula, expulsará também o aprendente que há em seu aluno. Por outro lado, essas “luas” costumam estar habitadas pelas situações mais dolorosas da vida das crianças. (FERNÁNDEZ, 2001, p.100)

Sabemos que os modelos de educação no Brasil, nem sempre tem contribuído para este adequado trabalho do professor. Porém, que possamos de forma geral, contribuir para esta educação de qualidade, no que estiver ao nosso alcance, ao mesmo tempo em que contribuiremos para um futuro melhor da nação, com sujeitos que “aprendem” e que conseguirão “ensinar”.

NEUROCIÊNCIAS: A CAPACIDADE DE LEITURA DO SUJEITO

Conforme Dehaene (2012), a escrita nasceu há aproximadamente 5400 anos entre os babilônios e o alfabeto propriamente dito não tem mais que 3800 anos. A capacidade de aprender é característica de natureza humana. Assim, diferentemente de outras espécies

animais, apenas o cérebro humano seria capaz de absorver todos os tipos de cultura. Ainda assim, Dehaene, diz que o cérebro humano é limitado geneticamente, porém, reciclamos nossos antigos circuitos cerebrais para aprender novas competências.

O referido autor tem realizado diversas pesquisas, sendo que seu livro “Os neurônios da leitura” foi considerado o melhor livro científico do ano, segundo o Washington Post. Dehaene explica que as operações que nosso cérebro realiza, não possui nada em comum com um reconhecimento global, sendo que se entende que o método global de alfabetização, torna-se um dos mais complexos para o cérebro absorver.

A visão dos primatas não funciona por reconhecimento global - muito pelo contrário, o objeto visual explode em miríades de pequenos fragmentos que nosso cérebro se esforça em recompor, traço por traço, letra após letra. Reconhecer uma palavra consiste, primeiramente em analisar essa cadeia das letras e aí descobrir as combinações das letras (sílabas, prefixos, sufixos, radicais das palavras), para enfim associá-las aos sons e aos sentidos. (Dehaene, 2012, p.21)

Nossa apropriação da leitura, segundo Dehaene, inicia-se pela visão, começando na região central da retina chamada de fóvea, onde se extrai progressivamente os conteúdos dos grafemas, sílabas, etc., onde ocorrem duas vias paralelas de tratamento: a fonológica (que permite converter as letras em fonemas) e a lexical que permite acessar um dicionário mental onde ficam guardados os significados das palavras. Por isso, conforme a organização das áreas visuais pode ocorrer a escrita espelhada, da direita para a esquerda, contrariando opiniões que dizem ser este, um dos primeiros sintomas da dislexia, quando na verdade, entre a maioria das crianças a dislexia deriva de outras anomalias situadas no tratamento dos sons da fala. O acesso ao som das palavras se produz rapidamente, por uma via de conversão rápida dos grafemas em fonemas, inconscientemente.

No que se refere às teorias puramente fonológicas, geralmente torna-se impossível sem a ajuda de informações suplementares, visto que a Língua Portuguesa possui muitas palavras com ambiguidades (sentidos diferentes para uma mesma escrita ou semelhante). Porém, no sentido de aprender a ler, já vimos que nossa visão capta partes menores para depois as maiores, mostrando assim que a criança só aprenderá a interpretar melhor um texto, após conseguir decodificar e juntas letras e sílabas. Caso contrário, ela perderá mais tempo, tentando assimilar sons, num emaranhado de letras, apresentando dificuldades ao assimilá-las com outros textos.

O reconhecimento de uma palavra exige que múltiplos sistemas cerebrais entrem em acordo sobre uma interpretação unívoca da entrada visual. O tempo que

empregamos para ler uma palavra depende, pois, menos de suas propriedades intrínsecas do que dos conflitos ou das condições a que ela induz no seio de nossa arquitetura cerebral. (Dehaene, 2012, p.64)

A região do cérebro responsável pela leitura, é a região occípito-temporal esquerda, a mesma que a análise das lesões identifica como a sede da alexia pura, afirma Dehaene. Já a região ativada pela audição de uma palavra falada, são as áreas temporais superiores, sede das regiões auditivas primárias e o córtex temporal médio esquerdo, implicado na análise da fala.

Todos nós lemos com o mesmo circuito cerebral, porém cada pessoa domina mais ou menos bem a leitura, embora tenhamos aprendido por meios diferentes.

Segundo Dehaene, até a idade adulta, ocorre no cérebro humano, a plasticidade sináptica, responsável por desempenhar essencial papel na capacidade de aprender a ler, porém a criança quando chega à escola, no ensino fundamental, já está com seu cérebro preparado para o reconhecimento das letras e das palavras. Não estamos aqui falando de outros fatores, como sociais, psicológicos, mas sim, na capacidade de um cérebro, cujo não apresenta fraturas ou algum problema.

Leonor Scliar-Cabral, prestou consultoria, tradução e supervisão à obra de Stanislas Dehaene no Brasil e fundamenta seu método de alfabetização, chamado “Sistema Scliar de Alfabetização”, embasados nos estudos da Neurociência.

Em toda aprendizagem, para se produzir, deve-se saber compreender, isto é, antes de falar, a criança deve compreender o que os adultos dizem para ela e assim começar a dominar a língua, para depois poder dizer suas primeiras palavras. A mesma coisa acontece com a língua escrita: sem saber ler, a criança não poderá compreender nem o que ela própria “escreveu”. (Scliar-Cabral, 2013, p.12)

Scliar-Cabral (2013) também faz alusão à reciclagem neuronal, como sendo uma das grandes descobertas da Neurociência, onde os neurônios processadores das imagens são programados para simetrizar a informação. Porém, para o reconhecimento das letras, é necessário que eles aprendam a diferenciar a direção dos traços. Assim, menciona a proposta de Montessori, dizendo acontecer o reforço mútuo da aprendizagem, quando informações sensoriais são processadas pela visão, pela audição e pelo tato, como por exemplo, introduzir cada letra com comandos onde a criança ao mesmo tempo em que fala o som que ela representa, trace com o dedo a mesma. Assim, Scliar-Cabral também sugere iniciar a apresentação às crianças, pelas letras com traçados mais simples. Ainda que o ser humano perceba a combinação de traços verticais, horizontais ou inclinados com metade de círculos, a direção destas combinações permite facilitar no reconhecimento e identificação das letras. A

identificação mais difícil acontece com letras espelhadas, seja na horizontal ou na vertical, confundindo as posições.

Os fundamentos sobre as palavras de Dehaene sobre o processo da leitura, é observado através por eletroencefalografia (EEG) , magnetoencefalografia (MEG) e por imagem de ressonância magnética (IRM), onde segundo Cabral (2013), rastreiam como o cérebro trabalha durante a leitura.

ALFABETIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA DA PSICOPEDAGOGIA E DA NEUROCIÊNCIA: ANÁLISE DO PERCURSO E MÉTODOS.

Para analisar a alfabetização numa perspectiva da psicopedagogia e da neurociência e seus métodos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa em forma de questionário com um grupo de professores, a fim de observar como se deu o processo de alfabetização, bem como as contribuições e consequências da mesma para o desenvolvimento das aprendizagens do sujeito. O grupo de nove professores entrevistados é proveniente de escolas públicas do município de Criciúma e Içara, SC. Os entrevistados serão nomeados em forma de p1; p2; p3 e assim sucessivamente até p9.

Temos como objetivo principal e fundamental na pesquisa científica, descobrir respostas para situações problemas por meio de procedimentos científicos.

[...] atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. (Minayo, 2002, p.17)

Assim, utilizou-se o questionário, conforme Silva, Tafner e Weiduschat (2007), sendo uma série de perguntas ordenadas, respondidas por escrito pelos informantes, devendo ser objetivo e limitado em extensão.

Na questão de tempo de trabalho dos professores nos anos de alfabetização, 95% dos professores entrevistados atuam na alfabetização a mais de dez anos. Percebe-se assim que a maioria das entrevistadas já possui um bom tempo de atuação com diferentes realidades em turmas de alfabetização.

O método utilizado é escolhido pelo professor conforme sua formação sua prática pedagógica. Acreditar em seu trabalho é fundamental para o acerto no aprender do aluno. O

direcionamento pedagógico fica por conta do professor, pois é ele que planeja, que busca, que constrói material para suas aulas.

Dessa forma, P1, P2 e P5, referiram-se a seu método como sendo “fônico e silêncio”. Apresenta as letras e fala os sons das mesmas, repetindo este trabalho com muitas atividades.

O método fônico dirige sua atenção para a dimensão sonora da língua. Assim a criança percebe que cada letra apresenta um som, e não apenas “decora” as junções das letras para a formação de determinada sílaba. Quanto à repetição de atividades, Müller, pesquisadora e especialista em neurociência clínica e neuropsicologia educacional, diz que ao contrário do que acreditam muitos pais e professores, aprimoramos habilidades ou conhecimentos, não na quantidade de informações apresentadas, mas na compreensão profunda de um conteúdo menor, sendo possível por meio da repetição, embora pareça ser um método de atividade tradicional.

Segundo P8, não apresenta um método específico, utilizando o global, fônico, silabação. Inicia sempre partindo de gêneros textuais envolvendo letramento e conforme a necessidade de cada criança dá ênfase ao método fônico, se necessitar também o tradicional das famílias silábicas, sempre buscando a ludicidade através dos jogos para tornar este processo tão complexo, mais prazeroso.

P2 utiliza ainda o alfabeto e as “*famílias silábicas*” de forma tradicional, onde Soares (1977) cita que as consoantes só podem ser emitidas apoiadas nas vogais, sendo a sílaba a unidade linguística para o ensino da leitura, sendo um dos métodos sintéticos, assim como P4 mencionou utilizar o método sintético, sem mencionar se de forma alfabética, fônica ou silábica.

P8 disse não apresentar um método específico, utilizando o global, fônico, silabação. P7 já utilizou todos os métodos citados no presente artigo, porém atualmente, esta pensa que a alfabetização não se resume a métodos. O que realmente faz a diferença é o planejamento, a ação e a intervenção da professora que tem que ser com intencionalidade, objetivo e conhecimento.

Já P6 e P3 disseram não utilizar um método único, como por exemplo, P6 utiliza livros didáticos construtivistas e tradicionais, dizendo que estes se prendem a ortografia, mas também auxiliam na preparação de seres críticos e pensantes. P3 atribui sua resposta a ter que utilizar a concepção histórica cultural na rede estadual, utilizando como principal método, o construtivista, pois através dele, permite que as crianças construam seu conhecimento através do seu próprio desenvolvimento cognitivo.

P9 utiliza atualmente a alfabetização com letramento, considerando a diversidade de gêneros e usos da língua no cotidiano. Com todos os trabalhos, envolve leitura, compreensão e prática da escrita, utilizando soletração, palavrção, sentencição e outros usos e maneiras de decodificar a escrita. Assim percebemos que utiliza os métodos sintéticos e analíticos ao mesmo tempo.

Quanto aos métodos de alfabetização, Carvalho (2005), fala que quando uma professora vai escolher um método nas condições concretas da escola brasileira atualmente, é importante que pense sobre as seguintes questões: Qual a concepção de leitura e de leitor que sustenta o método? A fundamentação teórica do método é realmente conhecida pelo professor e faz sentido? As etapas e procedimentos são coerentes com os fundamentos do método? Há evidências de que o método foi experimentado com êxito em número significativo de turmas em contextos escolares diferentes? Assim, observando estas principais interrogações, o professor deve fazer uma reflexão sobre seu método de ensino.

Posteriormente foi questionado às entrevistadas, se podemos dizer que existe um método eficaz de alfabetização. P2, P1, P5, P6 e P9 dizem que “*sim – existe um método mais eficaz*”- sendo para P1 e P5, o fônico; para P2 o tradicional, e para P6 e P9, propostas construtivistas que envolvam alfabetização e letramento de forma ampla, já que se trabalha a partir do que a criança traz para a escola, fazendo união entre a língua falada, escrita e a leitura em um único processo que é facilmente aplicado com qualquer criança.

As entrevistadas P6 e P9, respondem que *sim*, porém não estabelecem de fato um método como tratado especificamente no presente artigo, dizendo ser o método mais eficaz, aquele em que todas as especificidades da criança são consideradas.

Quanto às entrevistadas P3, P4, P7 e P8, responderam não haver um método exclusivamente eficaz, e sim observar o que melhor for para cada realidade de suas turmas. P4 acredita que é necessário mesclar, não havendo um método 100%, pois aprendemos de forma diferente.

Quanto aos métodos utilizados pelas professoras, através deste trabalho de pesquisa, pôde-se observar as características de como cada uma delas trabalham no processo de leitura e escrita. Porém, na perspectiva da Neurociência, podemos entender que:

[...] não se aprende a ler de cem maneiras diferentes. Cada criança é única...mas, quando se trata de aprender a ler, todas tem o mesmo cérebro que impõe os mesmos limites e a mesma sequência de aprendizagem. Assim, importa examinar qual ensino – e não prescrições – as neurociências cognitivas da leitura podem aportar ao mundo da educação.

Não se poderia prestar um serviço à criança se a fizéssemos admirar-se com os prazeres da leitura sem antes lhe dar as chaves. A decodificação fonológica das palavras é a etapa chave da leitura. (Dehaene, 2012, p.236)

Quanto aos métodos globais (analíticos), partindo de textos (partes maiores), para as frases, palavras, sílabas e letras (partes menores), Dehaene (2012) enfatiza que este não funciona e que levou uma geração de crianças ao fracasso e cita uma frase onde o Ministro da Educação em 2003, Luc Ferry, resumia o consenso diante de Assembleia Nacional:

“O método global é, com efeito, calamitoso. Posto isto, ele quase não é utilizado, há bastante tempo, e, desde o ano passado, por recomendação oficial, é fortemente desaconselhado”. (Dehaene, 2012, p.236)

Foi questionado como as professoras trabalham a alfabetização com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagens e não acompanham o ritmo das demais. P3, P4, P5 e P7, dizem que os conteúdos são adequados de acordo com a necessidade e nível de aprendizagem de cada criança.

Já p6, p8 e p9, além de oportunizarem atividades adaptadas de acordo com as necessidades específicas, também conversam com a família, a fim de encaminhar a criança a um profissional da área de psicologia, psicopedagogia ou neurologia, para diagnósticos mais precisos.

P1 e p2 utilizam atividades impressas diferenciadas, “joguinhos” e quando possível, trabalham a autoestima e dinâmicas em grupo.

Percebe-se que atualmente, o trabalho do Psicopedagogo ainda não é tão reconhecido na região, gerando inclusive dúvidas nas escolas em relação a que profissional encaminhar os alunos com dificuldades. Quando interrogadas se conhecem o trabalho do Psicopedagogo Clínico e no que consideram que este profissional poderia contribuir no processo de desenvolvimento dos alunos com dificuldades de aprendizagem, percebeu-se que realmente há professores que não conhecem o trabalho deste profissional e por isso até mesmo, deixam de encaminhar alunos para o mesmo.

P1 e P8 também desconhecem o que o Psicopedagogo pode proporcionar no processo de aprendizagem, apenas “ouviram falar”, porém sem propriedade no que diz respeito. P9, diz não ter conhecimento sobre o assunto, porém pensa que este profissional deve trabalhar em consonância com o trabalho pedagógico do professor em sala de aula.

Já P5 e P6 conhecem claramente, dizendo ter um caráter tanto preventivo como interventivo, procurando compreender mensagens muitas vezes implícitas, sobre os motivos

que levam os pacientes a obterem resultados insuficientes ao esforço aplicado em sua busca de aprendizagem, de forma que assim, possa colaborar com o trabalho do professor.

Atualmente o trabalho do psicopedagogo clínico pode ocorrer em consultórios ou hospitais. É importante que os profissionais que trabalham na educação saibam sua função para assim contribuir com seus alunos.

“...o psicopedagogo busca não só compreender o porquê de o sujeito não aprender algumas coisas mas também o que ele pode aprender e como. A busca desse conhecimento inicia-se no processo diagnóstico, momento em que a ênfase é a leitura da realidade daquele sujeito, para então proceder à intervenção, que é o próprio tratamento ou encaminhamento.”.(Bossa, 2011, p.150)

Foi questionado então, se em suas turmas há alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e se algum deles recebe atendimento/acompanhamento de um Psicopedagogo Clínico. Todas afirmaram ter algum aluno com dificuldade de aprendizagem e atraso, porém, das nove professoras entrevistadas, apenas cinco disseram que estes fazem acompanhamento com profissional. As demais responderam que seus alunos não fazem tal acompanhamento, até mesmo pelo motivo do município não oferecer este atendimento gratuito, e os pais não dispõem de recursos financeiros para que isso ocorra.

Procurando então comparar estes alunos que estão em atendimento psicopedagógico aos que não, se consideram que o trabalho do Psicopedagogo traz significativos avanços na aprendizagem destas crianças e assim, P2 E P3 disseram ter vários alunos com dificuldades, porém apenas dois frequentam atendimento. Estes tiveram significativos resultados, como por exemplo, mais rápidos na resolução e interpretação de problemas matemáticos e cálculos, na leitura, na coordenação motora e no desenvolvimento da fala.

Sobre a situação do aluno com dificuldades de P4, após as devidas orientações da Psicopedagoga Clínica, que juntas fizeram um trabalho diferenciado, este aprendeu a ler silabicamente e escreve muitas palavras sozinho. Participa das aulas e tenta ajudar alguns colegas da sala, apresentando melhor autoestima.

Quanto a P9, teve uma aluna em atendimento, porém não observou avanços tão significativos, considerando o tempo em que foi atendida e o avanço apresentado. Diz desconfiar ter mais algum problema neurológico nesta aluna, onde apenas o Psicopedagogo não seria o suficiente.

Com base nas respostas das professoras entrevistadas, percebe-se que algumas conhecem claramente os diferentes métodos e o mais adequado para uma boa aprendizagem inicial, baseada em conhecimentos da Neurociência, que hoje, explica como nosso cérebro

aprende e assim, aponta o que seria mais adequado. Conforme Dehaene (2012) diz que nosso cérebro capta pequenas coisas para depois associá-las às partes maiores, ele se remete ao método global como o mais difícil para a criança aprender a ler.

Porém algumas professoras parecem ainda não compreender ao certo o método que trabalha e relacioná-lo às propostas em sala de aula. Essa dificuldade de entendimento e compreensão de seu próprio trabalho pode vir a ser gerador de algumas dificuldades de aprendizagem. Quando se depara com dificuldades causadas pelo sistema ou por outras situações, muitas vezes também não sabe como contribuir com este aluno.

“O professor muitas vezes por não saber lidar com os problemas de aprendizagem dos alunos, acaba por encaminhá-los a especialistas, como psicopedagogos, sem ao certo saber o que está acontecendo de inadequado em seus processos de aprendizagem.”. (Bastos, 2012, p.41)

Assim, em todos os sentidos, quando o psicopedagogo recebe uma queixa sobre dificuldades de aprendizagem no período de alfabetização, é necessário uma reflexão sobre vários aspectos teóricos. Segundo Weiss (2008), dependendo de como for feita a exigência da formalização da escrita pela criança, pode gerar grandes dificuldades na leitura e escrita nesta etapa e posteriormente em seu desenvolvimento, não sendo apenas uma questão ou problema pessoal, mas sim, relacionado à metodologia da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, pôde-se compreender as principais características de cada método de alfabetização e assim relacionar a situações observadas no cotidiano das escolas, ampliando o entender das queixas que chegam a clinica para o psicopedagogo sobre a dificuldade de leitura e escrita. Os objetivos da pesquisa foram alcançados, por meio das entrevistas sendo possível entender o processo da alfabetização na perspectiva da psicopedagogia e da neurociência e a análise sobre os métodos trabalhados pelos professores entrevistados.

Para responder estas questões, foram realizadas pesquisas bibliográficas e qualitativas com professores alfabetizadores e assim, foi possível unir a teoria à prática.

Após realizada as análises dos dados, unindo às leituras, foi possível perceber que o grande número de crianças ainda não alfabetizadas e outras que ainda chegam ao ensino superior sem uma boa interpretação de textos, se dá na maioria das vezes pelos métodos

iniciais do processo de alfabetização, já que as vezes nem mesmo o professor tem claramente o entendimento de como a criança, ou o cérebro da criança, melhor aprende.

Por mais que se fale na questão do letramento, na compreensão da leitura num todo, foi possível concluir que a Ciência ou Neurociência, estudando o cérebro através de imagens, nos mostra que os melhores métodos de alfabetizar, ainda são os sintéticos, principalmente o fônico e que o global, como utilizado em muitas escolas, leva a criança pelo caminho mais longo da compreensão, já que levará mais tempo a identificar palavras com um mesmo sons dentro de textos grandes, e descobrimos que o cérebro aprende iniciando pela visão, o que ocorre por pequenas partes.

Assim, é importante também que o psicopedagogo saiba como se dá este processo, para melhor fazer seu diagnóstico, propondo uma intervenção mais coerente ao aprendente e também auxiliar com informações, a professora do mesmo, para que juntos, façam um bom trabalho para o desenvolvimento da criança que apresenta dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Alice Beatriz B.Izique. **Psicopedagogia Clínica e Institucional – Diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Loyola, 2015.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Contribuições a partir da prática. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEHAENE, Stanislas. **Os Neurônios da Leitura**. Como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MYNAIO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os Idiomas do Aprendente**. Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MEIRELES, Iracema; MEIRELES, Eloisa. **A casinha feliz**. Rio de Janeiro: ISM, 2017.

MÜLLER, Michele. Crianças gostam e precisam de repetição para aprender. Disponível em: <<https://michelemuller.com.br/criancas-precisam-de-repeticao/#>>. Acesso em: 01, dezembro de 2019.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Sistema Scliar de Alfabetização – Fundamentos**. Florianópolis: Lili, 2013.

SILVA, Antônio César da; TAFNER, José; WEIDUSCHAT, Íris. **Metodologia do Trabalho Acadêmico**. Indaial: Asselvi, 2007.

SOARES, Gilda Menezes Risso. **Os diversos métodos de ensino da leitura e escrita – estudo comparativo**. Papellaria América Editora, 1977.

SOARES, Magda. **Alfabetização – A Questão dos Métodos**. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2015.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008